



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 26 – Ano XII – 10/2024
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Breves notas sobre a Geografia da Infância: olhares para percebermos as GeoGrafias da vida

João Vitor Rodrigues Oliveira
Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade
Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
<http://lattes.cnpq.br/3387754236885746>
E-mail: joaooliver48@gmail.com

Ana Clara Medeiros de Souza
Graduanda em Bacharelado em Geografia pela Universidade
Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
<http://lattes.cnpq.br/6535919284587301>
E-mail: anaclaramedeiroz@gmail.com

Wesley Martins de Almeida
Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade
Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
<http://lattes.cnpq.br/8102666055123601>
E-mail: wesleymartinsagrob@gmail.com

Sthefany Kristiny Ferreira Dos Santos
Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade
Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
<https://lattes.cnpq.br/0316457149976150>
E-mail: sthefanyfds031000@gmail.com

Rahyan de Carvalho Alves
Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Docente da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
<http://lattes.cnpq.br/0593456424985792>
E-mail: rahyan.alves@unimontes.br

Resumo: Este trabalho visa discutir a importância da Geografia da Infância, trazendo uma reflexão da temática proposta, abordando a partir das categorias Geográficas espaço e

lugar, dialogando com a Geografia Humanística. Foi utilizado como procedimento metodológico: pesquisa e retrabalhamento bibliográfico, tendo como base Piaget (1999; 2013), Tuan (1980; 1982) e Lopes (2006; 2008; 2022). A Geografia da Infância convida a um olhar particularizado sob os vínculos da criança com os lugares de sua vivência e a subjetividade da percepção com os mesmos, destacando a sua relevância como uma área de pesquisa urgente e necessária no âmbito da Geografia.

Palavras-chave: Geografia da Infância, Geografia Humanística, Subjetividades Espaciais.

Abstract: This work aims to discuss the importance of the Geography of Childhood, bringing a reflection of the proposed theme, approaching from the Geographic categories space and place, dialoguing with Humanistic Geography. The methodological procedure used was bibliographical research and reworking, based on Piaget (1999; 2013), Tuan (1980; 1982) and Lopes (2006; 2008; 2022). The Geography of Childhood invites us to take a closer look at children's links with the places where they live and the subjectivity of their perception of them, highlighting its relevance as an urgent and necessary area of research in the field of Geography.

Key words: Geography of Childhood, Humanistic Geography, Spatial Subjectivities.

Introdução

A infância é uma etapa crucial no desenvolvimento do indivíduo, tanto no tocante ao processo cognitivo (percepção), emocional e bem-estar físico, conforme o Ministério da Saúde (2014) sinaliza. A infância é entendida como a etapa inicial da vida e pode ser dividida em fases. No entendimento de Piaget¹, listados na produção de Schirmann (2019), foram consideradas 4 fases para o desenvolvimento infantil sendo essas: Sensório motor (0 a 2 anos), Pré-operatório (2 a 7 anos), Operatório concreto (8 a 12 anos) e Operatório formal (a partir dos 12 anos). Vale ressaltar que a quantidade de fases da infância pode diferir entre cada autor, podendo variar na quantidade ou anos em que se passam – discussão essa que será verticalizada em um dos subtópicos deste trabalho

Sobre a percepção, utilizaremos das palavras de Lent (2010, p. 185) para defini-la, a qual refere a “[...] capacidade de vincular os sentidos a outros aspectos da existência, como o comportamento, no caso dos animais em geral, e o pensamento, no caso dos seres humanos” podendo ser visto como um conceito ligado ao raciocínio, memória, relativo ao conhecimento/função ligada a aprendizagem, dentre outros.

A Geografia da Infância, traz um novo olhar sob essa etapa da vida, expandindo sobre a mesma diversos questionamentos e problematizações, tal como

¹ Biólogo, psicólogo e pensador suíço dos séculos XIX e XX que fundou a Epistemologia Genética, teve as fases do desenvolvimento infantil como seu principal tema de estudo.

e o que leva as crianças, de diferentes idades, gêneros e regiões, a terem diferentes percepções e representações sobre os espaços com que tem contato (?), tornando estratégico e fundamental pesquisas e estudos que enveredam nesse contexto.

Logo esse artigo tem como objetivo discutir a importância da Geografia da Infância, trazendo uma reflexão da temática proposta, abordando a partir das categorias Geográficas espaço e lugar, dialogando com a Geografia Humanística, utilizando de pesquisa bibliográfica para arquitetar a investigação citada.

O trabalho está estruturado em quatro momentos/subtópicos, a saber: primeiramente, abordamos o que é a Geografia da Infância; em seguida destacamos as fases da Infância e a relação com o lugar; em diante evidenciamos pesquisas de professores que abordam a geografia da infância e, por fim, naturalmente, apresentamos as considerações finais.

É oportuno sinalizar que esse trabalho faz parte das primeiras leituras e problematizações do grupo com a temática em questão, sendo o início de uma construção de estudo e pesquisa direcionado a Geografia da Infância.

A seguir, daremos início ao primeiro subtópico da pesquisa.

Geografia da Infância: um diferente olhar para a infância

Primeiramente é necessário estabelecer o que é a Geografia da Infância para um melhor entendimento do conteúdo que será apresentado. A Geografia da Infância pode ser entendida basicamente como um ramo de estudo que pesquisa e trabalha com o reconhecimento e compreensão dos diferentes contextos sociais, políticos, culturais, econômicos e ambientais que os sujeitos são submetidos, (re)construídos e vivenciados ao longo da infância, criando, por esses arranjos, diferentes GeoGrafias.

Nas palavras de um estudioso do ramo, Lopes (2022, p. 7) sinaliza que:

[...] a Geografia da Infância assume que as atividades humanas ocorrem num tempo histórico, mas também em espaços forjados nas relações sociais, econômicas e políticas. Afirma-se, assim, que todas as pessoas possuem uma dimensão histórica, marcada por diferentes temporalidades que se cruzam e possuem também uma dimensão geográfica, criada por diversas espacialidades que se expressam em paisagens, territórios, lugares, regiões, redes, entre outras.

Pode-se destacar que a Geografia da Infância provocar a nossa atenção ao incitar o olhar para a particularidade com o qual as infâncias são vividas e as

construções próprias de conceitos feitos pelas crianças, essas que são legitimamente construídas ou socialmente forjadas, entendendo pelo sujeito o sentido e significado que dá ao espaço e ao lugar. Essa perspectiva sobre as infâncias traz aspectos semelhantes à da fenomenologia que diz respeito ao mundo vivido e a sua correlação com a existência do sujeito. Dessa forma:

A Geografia da Infância trata de interpretar a apreensão das essências [dos fenômenos] a partir da experiência vivida, aplicada e adquirida pelo indivíduo, buscando não distinguir o objeto do sujeito [...] (Silva, 2005, p. 3).

É importante ressaltar que as crianças não recebem informações e estímulos de maneira passiva, elas possuem uma capacidade de subverterem essas estruturas pré-definidas e as reconfiguram/reconstroem de acordo com suas vivências e necessidades, conforme Piaget (2013, p. 18, *grifo do autor*) destaca:

Qualquer conduta (*condute*), tratando-se seja de um ato executado exteriormente, ou interiorizado no pensamento, apresenta-se como uma adaptação ou, melhor dizendo, como uma readaptação. O indivíduo age apenas ao experimentar uma necessidade, ou seja, se o equilíbrio entre o meio e o organismo é rompido momentaneamente; neste caso, a ação tende a restabelecer o equilíbrio, isto é, precisamente a readaptar o organismo.

O recorte espacial - de vivência das infâncias - acaba por criar um elo afetivo com a criança devido as experiências de vida que ali ocorrem e, se transformando em “lugar”, estabelecendo uma identidade única dos objetos e conceitos que compõem aquele espaço para o indivíduo e, conseqüentemente, formando diferentes identidades para os distintos contextos e arranjos sociais que se dão no cotidiano do sujeito com o ambiente e ou sujeito com outro sujeito.

A Geografia da Infância nos leva a compreender e ou rastrear o lugar de vivência das crianças em todas as suas dimensões e entornos. Nas palavras de Lopes (2008, p.67-68) “[...] a infância, portanto, se dá num amplo espaço de negociação que implica a produção de culturas de criança, do lugar, dos lugares destinados às crianças pelo mundo adulto [...]”.

No que diz respeito a visão da sociedade em relação a essa etapa da vida, a infância nem sempre teve o devido valor e cuidados por parte dos pais, familiares, tutores, governos e diferentes instituições. Em sociedades muito antigas as crianças não recebiam uma atenção em particular e as suas condições de nascimento (estrutura familiar) eram um fator determinante ao seu destino.

O *status* da criança, naquelas sociedades antigas, era praticamente nulo. Sua existência dependia do poder do pai: se fosse menina ou nascesse com algum problema físico, poderia ser rejeitada. Até o final da Antiguidade as crianças pobres eram abandonadas ou vendidas; as crianças ricas enjeitadas - por causa de disputas de herança - eram entregues à própria sorte (Costa, 2002, p. 2, *grifo do autor*).

Na Grécia Antiga as crianças eram educadas pelos “*Paidagogos*” - *paidós* (criança) e *agogos* (condutor) - que eram guias/líderes das crianças, aqueles que conduziam o ensino, encarregados de ofertar a formação (*Paidéia*) intelectual e cultural do sujeito. Também eram conhecidos como “escravos pedagogos” que, conforme afirma Brandão (1981, p. 42-43), conviviam mais com a criança do que os próprios pais:

Os escravos pedagogos condutores de crianças eram, afinal, seus educadores, muito mais do que os mestres-escolas. Eles conviviam com a criança e ao adolescente e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da *pólis*. O pedagogo era educador por cujas mãos a criança grega atravessava os anos a caminho da escola, por caminhos da vida.

No período da Idade Média, e em parte da modernidade, de acordo com Ariès (1981), as crianças eram vistas meramente como homem pequeno ou um homem jovem, não era dado nenhum enfoque nas particularidades dessa etapa da vida, não se tinha leis destinadas a proteção das crianças ou que as resguardassem de direitos, sendo um período marcado pelas difíceis condições de vida e baixa expectativa de vida no geral.

No século XVIII, na sociedade europeia, a partir de um conjunto de mudanças, tais como: reformas religiosas e reestruturações políticas, veio também o estabelecimento das singularidades da infância e a reestruturação da família e do conceito de afeição familiar (Lopes, 2008).

No fim do século XIX, a infância passa a ter um conceito científico e universal, no que diz respeito a abordagem geográfica, porém pouco problematizada e pautada numa discussão quantitativa. Já no século XX era nítido a produção de pesquisas e trabalhos envolvendo as crianças e suas espacialidades, com abordagens que davam ênfase a questões socioculturais e que, de certa forma, potencializava o significado e a representação do sentir-viver-ser do indivíduo. Lopes (2008, p. 14) comenta como era abordada tal questão, especialmente a partir da década de 70 no cenário brasileiro:

Podemos situar a década de 70, do século passado, como um momento em que se iniciam os acúmulos de trabalhos que envolvem as crianças e suas espacialidades. Produções desenvolvidas em diferentes contextos geográficos, mas fortemente influenciadas pelos postulados sistematizados na Geografia Humanista, irão iniciar uma série de ações e registros que buscam desvelar o ser e estar das crianças no espaço. Tecendo críticas aos estudos estatísticos na Geografia, à descrição racionalista do positivismo e ao reducionismo economicista do movimento marxista dentro dessa ciência, a Geografia Humanista busca compreender a percepção e representação do espaço por indivíduos, entendendo seu caráter único, singular, ao mesmo tempo em que reconhece o seu pertencimento e compartilhamento a um determinado grupo cultural.

E, por fim, no que se refere a abordagem da infância pela sociedade durante a década 80 e 90, passaram a receber atenção no âmbito legal, possibilitando o estabelecimento de estatutos para a infância e atribuindo a ideia do direito da criança ao espaço, ao lugar e a família, destacando-se duas medidas que servem de pilares até os dias atuais (século XXI), sendo: Estatuto da Criança e Adolescente - ECA (Brasil, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996) que valoriza a importância da infância e da educação infantil para a formação do indivíduo com dignidade, respeito e afeto.

A infância pode ser diferenciada dependendo do seu contexto espacial geográfico e socioeconômico. Normalmente, nas regiões periféricas, as crianças enfrentam, muitas das vezes, condições de vida precárias e com acesso a recursos básicos limitados como educação, saúde e segurança. A falta de espaços públicos adequados para o lazer e o desenvolvimento integral a essas crianças, restringem as oportunidades de brincarem e aprenderem de forma segura e saudável. Em contraste, nas áreas mais desenvolvidas economicamente, as crianças obtêm acessos a variedade de recursos e serviços que promovem acesso desses a escolas bem equipadas, programas extracurriculares diversificados, tecnologia inclusivas e ambientes de lazer seguros. (Lopes, 2008).

No atualidades, a Geografia da Infância busca a compreensão do indivíduo levando em consideração todas as suas etapas de vida, o meio que o circunda, as relações homem-mundo, homem-homens e, também, mundo-ambiente, construindo investigações que valoriza a relação que a criança estabelece com a sociedade/família/Outro, arquitetando uma investigação que busca mais sensibilidade e que consiga extrair as essências das relações que são e que estão sendo construídas ao longo do tempo – seja elas quais forem.

No subtópico a seguir, abordaremos as fases da infância.

Fases da Infância: Lugar e Memória

Primeiramente, nesse subtópico, atribuiremos reflexões sobre a categoria conceitual geográfica lugar. Para Carlos (1996, p.29) lugar é o resultado de vivências do sujeito com o Outro, o ambiente e dos significados estabelecidos por seus agentes, comunicadores, interlocutores e mediadores sociais:

[...] o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida.

Buttimer (1985, p. 179) refere-se ao lugar como a “[...] somatória das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas que devem ser diariamente motivadas”. Na definição de Buttimer (1985) percebe-se a necessidade da motivação diária do sujeito com as várias dimensões sociais compreendidas em um espaço, tornando-o vivenciado e repleto de valores, sejam eles simbólicos, emocionais ou culturais, dando qualidade ao espaço.

De acordo com Lowenthal (1961, p.1) que utilizou da perspectiva da Geografia do Conhecimento: “O homem e a terra, em qualquer local, estão inter-relacionados de inúmeras maneiras: todos os aspectos da vida humana estão intimamente ligados ao lugar”, logo é inerente a sobre+vivência do indivíduo em sociedade estando atrelado ao sentido de lugar.

Para Relph (1979, p. 22) o “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”.

Logo para Tuan (1980, p.6) o “[...] ‘espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor”, entendimento esse que também reconhece a presença de sentimentos e familiaridade com um espaço que inicialmente se trata de algo oculto, inesperado, inconsistente, para que esse venha a se tornar significativo e com significados particulares/íntimos.

Tendo como reflexão o conceito de lugar até aqui sinalizado, pode-se destacar que, basicamente, o que difere o lugar em relação ao espaço é a familiaridade, vivência e a presença de um valor emocional ou simbólico, seja ele de

afeição ou repulsa. Tuan (1980) destaca que essa sensação de afetividade depende da intensidade, densidade e duração das relações humanas e ambientais estabelecidas.

Nesse sentido, vale destacar que:

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem (...) A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando esta mesclada com lembranças de incidentes humanos (Tuan, 1980, p. 108-111).

Feita essa breve reflexão sobre a categoria lugar, destacaremos sobre as 04 fases para o desenvolvimento infantil estabelecidas por Piaget (1999; 2013), reforçando a necessidade de compreendermos o lugar atrelado a duração das relações e atividades sociais realizadas.

No primeiro estágio, sensório-motor (0-2 anos), o bebê começa a perceber o mundo que o cerca de forma simples tentando, gradualmente, alcançar e buscar objetos e, ao fim dessa fase, a criança passa a ter a noção básica do espaço que a cerca. (Schirmann, 2019).

No segundo estágio, período pré-operacional (2-7 anos), é a fase em que a criança passa a promover a construção constante de ideias lógicas, porém de uma maneira de interpretação própria, caracterizada pelo egocentrismo e sua noção de mundo ainda limitada. (Schirmann, 2019).

No terceiro estágio, operatório concreto (7-12 anos), ocorre a diminuição do egocentrismo, mudando a noção de mundo da criança que passa a ter ciência dos outros fatores envolvidos, dando início ao pensamento lógico concreto, tendo um raciocínio lógico relativamente efetivo com a realidade. (Schirmann, 2019).

No último estágio do desenvolvimento infantil, operatório formal (a partir dos 12 anos), fase em que ocorre um notável avanço no raciocínio do então adolescente, desenvolvendo o raciocínio hipotético-dedutivo, sendo capaz de chegar a reflexões a partir de diferentes proposições e conjunturas político-sociais. Nesse contexto, passa a ter consciência da razão e a entender teorias e regras sociais - conforme o estágio anterior -, relacionam melhor o mundo e sua construção de conhecimento sobre ele com os diferentes modos de pensar, (re)conhecendo os conflitos das relações do Eu com o Outro. (Schirmann, 2019).

A seguir, utilizaremos de pesquisas e observações feitas por outros pensadores no contexto da Geografia da Infância.

Espaços de Brincar e Aprender: Na Comunidade e Escola

Primeiramente utilizaremos de uma pesquisa realizada pelo professor da Universidade Federal Fluminense, Jader Janer Moreira Lopes, um dos pesquisadores com destaque na investigação em relação a Geografia da Infância e integrante do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI), durante sua visita a um município localizado na Zona da Mata Mineira no ano de 2006.

No centro dessa comunidade tem-se a praça principal, palco de diversos eventos festivos, de brincadeiras para as crianças e de socialização para os cuidadores; sendo esse o espaço de análise que será comentado. Conforme observado por Lopes (2006), a praça aparecia em grande frequência nos desenhos feitos pelas crianças que diziam desenhar a praça “porque é lugar de brincar”, nessa constatação percebe-se uma associação bem comum feita por crianças, a de um espaço em que trocas e de alegria. Interações sociais essas identificáveis nas brincadeiras que ocorrem nesse espaço tal como os jogos de “queimada”, “pique” e os eventos festivos, por vezes dançantes.

Embora a percepção de parques e praças como “lugares para brincar” seja a mais comum para crianças, esse mesmo ambiente também pode ser entendido como um lugar de aprendizado conforme o entendimento de Castellar (2005, p.214), a saber:

A aprendizagem é vista como um processo de interação social que gera uma adaptação das estruturas mentais do sujeito, ou seja, é um processo de tomada de consciência, pelo educando, das propriedades dos objetos e das suas próprias ações ou conhecimentos aplicados aos objetos.

O próximo tema a ser abordado nesse texto será o ambiente escolar que junto com a instituição família, são importantes no desenvolvimento social da criança. Nas palavras de Anjos (2005, p. 1):

A educação infantil é a porta de acesso da criança às primeiras experiências em sociedade, é nesta fase da vida que ela tem a oportunidade de construir suas hipóteses e aprendizagens sobre o mundo;

ampliar seus horizontes e experimentar novas vivências que servirão de subsídio para a sua construção identitária.

Para discorrer sobre esse espaço, socializaremos a pesquisa realizada por Ilka Miranda Fujino, realizada em 2019, contando com a participação de 17 alunos, sendo cinco da rede pública e 12 da privada, que foram divididos em 2 grupos conforme suas idades, 8 alunos entre 5 e 9 anos (Grupo 1) e 9 alunos entre 10 e 14 anos (Grupo 2). Nessa entrevista foram feitas 10 perguntas aos 2 grupos, utilizaremos de 3 dessas para entendermos a relação dos entrevistados com o ambiente escolar. Sendo essas:

- 1 - “Vocês gostam da escola?”
- 2 - “O que vocês mais gostam na escola?”
- 3 - “O que vocês não gostam na escola?”

Na pergunta 1, 6 alunos, em ambos os grupos, responderam “Sim”, mostrando uma relação majoritariamente positiva de afetividade com o ambiente escolar. Na pergunta 2, as respostas com mais votos remetem a “Brincar com os amigos” sendo elas, no grupo 1, aparecendo a relação “Recreio” e “Parquinho”, e no grupo 2, “Recreio” e “Brincar com os amigos”, ambos remetendo ao “Lugar de brincar” e um apreço ao tempo livre que os alunos têm para socializarem.

Diante o exposto, podemos perceber que o ato de brincar é um importante impulsionador de aprendizagem da criança. Para Bourscheid (2018, p. 2):

O brincar é a maior e melhor manifestação da criança sobre sua compreensão e seu conhecimento sobre o mundo. É através da brincadeira que a criança desenvolve aprendizagens significativas no seu desenvolvimento. É brincando que a criança se humaniza, se relaciona, se desenvolve, evolui, e aprende a conciliar a afirmação de si mesma criando vínculos afetivos duradouros. Brincar é uma forma de a criança se comunicar e de reproduzir ações do seu cotidiano, possibilitando aprendizagem, a construção de reflexão, autonomia, criatividade.

Para a pergunta 3, a resposta com mais votos do grupo 1 foi “Aula de Português” enquanto a do grupo 2 foi “Estudar”, ambas remetendo ao tema de aprendizagem e de entender os momentos de cada atividade, brincar e aprender (lembrando que tal processo pode - e deve - acontecer juntas).

Vale ressaltar que em nenhuma das perguntas as respostas foram unânimes, mostrando a diferença de percepção e de sentimentos das crianças, - influenciados

pelas suas diferentes infâncias e vivências -, em relação a Escola em que fora realizada a pesquisa.

Para Tuan (2012), o lugar possui um “espírito”, uma “personalidade”, havendo um “sentido de lugar” que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência. (Corrêa, 1995). O sentido de lugar, é formado a partir de interações diárias das crianças com o ambiente ao seu redor, seja no meio natural ou construído, pois através de suas vivências, as crianças desenvolvem percepções ricas e profundas com o espaço ao seu redor. Onde cada local vivenciado pela criança, acaba tornando significado tanto pessoal como coletivo, moldado por suas experiências visuais, auditivas, olfativas e táteis.

Devemos entender os desenhos das crianças como componentes do desenvolvimento geral do conhecimento da criança. Os desenhos revelam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas (Santos, 2000, p. 17).

A conexão sensorial e espacial com o lugar é crucial na formação da identidade para a compreensão de pertencimento das crianças. Ao ato de interagir com diferentes espaços, faz com que as crianças construam memórias e narrativas que direcionam (mas não definem) a sua posição em relação ao mundo. O sentido de lugar se desenvolve através de um processo contínuo de vivência e familiarização, onde os espaços se tornam lugares e que já não se caracterizam mais como ponto geográficos e sim ambientes carregados de emoções, culturas e afetos que contribuem para a formação da identidade da infância.

O sentido de lugar portanto é uma relação multidirecional, onde as crianças atribuem os significados aos lugares através de suas vivências, e ao mesmo tempo, são impulsionadas pelos ambientes que transitam. Esse entendimento, reforça a importância de criar e manter espaços que proporcionam experiências positivas e enriquecedoras, que contribuam para o desenvolvimento integral das crianças. Em suma, o sentido de lugar na geografia da infância é um fator fundamental na construção das experiências de vida e na formação das crianças enquanto sujeitos ontocriativos.

O ato de se perceber no lugar é uma construção da corporeidade diante a formação cognitiva nas fases da vida de uma pessoa. A toda do espaço-tempo vai centelhar o agir da criança, influenciando seus processos cognitivos, em pensar-com-corpo e pensar-com-espaço-lugar de outrora linguagens como: gestos, grafias,

gestografias e signos, imprimindo os sentidos de lugar, construído-se dialeticamente enquanto experiência humana aberta e porosa ao mundo.

Diante do exposto, encaminhamos para as considerações finais.

Considerações finais

A Geografia da Infância reflete as particularidades do ser-sujeito-criança e como essas se (re)apropriam e (re)configuram o que lhes é apresentado, seja submetido, incentivado e explorado em sua vivência na infância, cada qual em seus diferentes espaços e entornos que projetam sensações e memórias únicas. Essa relação prolongada com a natureza e espaços de sua vivência estabelece sentimentos e, aos poucos, toma forma e sentido de lugar.

A Geografia da Infância convida a um olhar detalhado sob os vínculos das crianças com os lugares de sua vivência e a subjetividade de percepção com os mesmos, reforçando a necessidade dessas pesquisas no contexto da Geografia.

Referências

ALVES, R. C. **Patrimônio histórico arquitetônico e urbanístico de Diamantina-MG: paisagem e lugar pela vivência dos *insiders***. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/> Acesso em: 26 fev. 2024.

ANJOS, J. G. **A importância da educação infantil para o desenvolvimento cognitivo da criança**. Disponível em: <https://www.minerva.edu.py>. Acesso em: 26 fev. 2024

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOURSCHEID, S. **A importância do brincar no desenvolvimento infantil**. Disponível em: <https://eventos.uceff.edu.br/eventosfaios/artigos/semic2017/725.pdf> Acesso em: 26 fev. 2024.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990**. Diário Oficial da União. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 26 fev. 2024.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 26 fev. 2024.

BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo-vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo, Difel, 1985. p.165-193.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLAR, S. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COSTA, R. **A educação infantil na Idade Média**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm> Acesso em: 10 fev. 2024.

ESNECA. **Fases do desenvolvimento infantil**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_M_D1_SA9_ID4743_270920 Acesso em: 25 jan. 2024

FUJINO, I. M. **O que pensam as crianças sobre a escola?** Disponível em: www.repositorio.uniceub.br Acesso em: 26 fev. 2024

LEITE, A. F. O Lugar: duas acepções geográficas. In: **Anuário do Instituto de Geociências**, UFRJ, 21, p. 9-20,1998.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios?** conceitos fundamentais de neurociência. São Paulo: Atheneu. 2010

LOPES, J. J. M. Geografia da infância: Territorialidades Infantis. In.: **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, 2006. p.103-127.

_____. Geografia das Crianças, Geografias da Infância: contribuições da Geografia aos estudos das crianças e suas infâncias. In.: **Contexto & Educação**, Editora Unijuí Ano 23 nº 79, 2008. p. 65-82.

_____. Geografia da infância, justiça existencial e amorosidade espacial. In.: **Revista de Educação Pública**, v. 31, p. 1-13, jan./dez. 2022.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma nova epistemologia da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 101-130.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância na Aprendizagem**. Comitê Científico, Núcleo Ciência pela Infância, Brasília, 2014.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24ª edição. Rio de Janeiro: forense universitária, 1999.

_____. **A psicologia da inteligência**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Edição Digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RELPH, E. C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In.: **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

ROCHA, S. Humanistic Geography: history, concepts, and the use of the perceived landscape as a perspective of study, In.: **Revista RA´E GA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999 [1996].

SCHIRMANN, J. K.; MIRANDA, N. G.; ZARTH, E. L. F. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. In.: **XI Congresso Nacional de Educação**, 2019.

SILVA, T. R. A geograficidade e os saberes tradicionais dos pescadores do lago Guaíba: subsídios para a cogestão das águas do manancial. In: **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. 2005, Londrina–PR.

SIMÃO, A. **A importância da primeira infância no desenvolvimento do ser humano**. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/> Acesso em: 26 fev. 2024

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. Geografia Humanística. In: CRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424